

**Vida e morte na imprensa:
o obituário como formato do jornalismo diversional**

*Life and death in the press:
the obituary as a diversional journalism format*

Aparecido Santos do CARMO¹
Paulo da Rocha DIAS²

Resumo

Qual é a função do obituário na imprensa brasileira? O objetivo deste trabalho é demonstrar que, com o decorrer dos anos, desde as primeiras tentativas de classificação dos gêneros jornalísticos, este formato sofreu profundas alterações, perdendo o caráter utilitário, quando seu papel era simplesmente noticiar a morte de uma determinada pessoa. Demonstramos que, na verdade, ao ressurgir entre os “jornalões”, poucas décadas atrás, este formato veio com um novo DNA, mais voltado para o jornalismo diversional, que é aquele que tenta capturar o leitor pelas suas emoções, oferecendo boas histórias com uma escrita que propicia mais liberdade ao repórter. A resposta para a pergunta em que se baseia este artigo é simples: entreter.

Palavras-chave: Gêneros jornalísticos. Jornalismo diversional. Prática jornalística. Obituário.

Abstract

What is the function of the obituary in the Brazilian press? The aim of this paper is to demonstrate that, over the years, since the first attempts to classify journalistic genres, this format has undergone profound changes, losing its utilitarian character, when its role was simply to report the death of a particular person. We have shown that, in fact, when it re-emerged among the “big newspapers” a few decades ago, this format came with a new DNA, more focused on diversional journalism, which is that which tries to capture the reader through their emotions, offering good stories with writing that gives the reporter more freedom. The answer to the question on which this article is based is simple: to entertain.

Keywords: Journalistic genres. Diversional journalism. Journalistic practice. Obituaries.

¹ Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).
E-mail: aparecido.jor@gmail.com

² Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).
E-mail: diaspr@terra.com.br

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar a função do obituário na imprensa brasileira na contemporaneidade. Partimos do pressuposto de que os gêneros jornalísticos não são formas imutáveis e intransponíveis, mas que se atualizam conforme essa prática profissional é aprimorada.

Especificamente sobre o obituário, entendemos que ele está na imprensa brasileira desde o primeiro jornal que circulou no país, o *Correio Braziliense* de Hipólito da Costa (1808-1822), e que, assim como ocorreu em diversas partes do mundo, ele se atualizou e se hibridizou, ganhando novos contornos e função nos veículos periodísticos.

A partir de evidências empíricas e revisão bibliográfica, já havíamos detectado que o formato integra o chamado “jornalismo sobre pessoas”, aquele que se apropria das experiências pessoais de figuras (anônimas ou não) para apresentar trabalhos que vão além das técnicas convencionais de escrita jornalística (CARMO; DIAS, 2022).

Defendemos que esse tipo de jornalismo permite que seja estabelecido entre a audiência e o produto veiculado uma conexão, que se sustenta pela qualidade da narrativa apresentada e pela escolha das personagens que se tornam modelos alcançáveis.

O obituário encontra suas origens na oralidade e circula, em formas pré-históricas, desde que a humanidade encontrou possibilidade de registrar acontecimentos em desenhos até o advento da escrita. Com o surgimento da imprensa ele ganha nova possibilidade de disseminação. Pesquisadores como Tobias Peucer (2004) apontam que os relatos sobre falecimentos já figuravam como material relevante para os jornais no final do século XVII.

Defendemos que este formato deixa de ter um papel de utilidade pública, ao simplesmente informar uma morte, e passa a ter uma função entretenedora, no sentido de tornar públicas histórias de vida que podem ser tomadas como modelos de conduta com a utilização de recursos e técnicas da escrita ficcional, como é típico dos formatos do jornalismo diversional. Tudo isso por meio de relato jornalístico, portanto, sustentado em fatos verificáveis na realidade.

Aspectos metodológicos

Este trabalho é resultado de uma pesquisa mais ampla, que analisou o obituário como formato praticado no jornalismo brasileiro. A proposta foi analisar os primeiros dez anos da seção “Mortes”, publicada diariamente na editoria de “Cotidiano” do jornal Folha de S. Paulo. Para isso, foi preciso construir uma amostra que fosse representativa do período, mas em quantidade nem tão baixa que pudesse prejudicar a confiabilidade dos resultados e nem tão alta que nos levasse a um gasto excessivo de tempo.

Daniel Riffe, Charles Aust e Stephen Lacy (1993) propõem o uso da semana construída para a construção do corpo amostral a partir de matérias veiculadas em jornais diários. A ideia é que as edições do jornal sejam escolhidas entre dias de semanas diferentes: na primeira semana colhe-se a edição de segunda; na semana seguinte, observa-se a edição de terça e assim por diante. Isso permite que a amostra absorva as variações que a cobertura jornalística pode apresentar conforme os acontecimentos retratados, os dias da semana etc.

O trabalho de Riffe, Aust e Lacy (1993) aponta que duas semanas construídas são capazes de representar de forma eficaz e confiável um período de doze meses de publicação. Nesse sentido, nosso corpo amostral é composto por 17 semanas construídas a partir das edições diárias que circularam entre 30 de outubro de 2007 e 21 de agosto de 2017. Portanto, nosso corpo amostral cobre um período de 3.583 edições do jornal.

Os obituários da Folha de S. Paulo começaram a ser publicados naquele 30 de outubro de 2007, de modo que a construção da primeira semana tem início aí. Essa é a única interferência do pesquisador ao construir as semanas artificiais, já que, a partir desse ponto, é preciso seguir a sequência. Nesse caso, nossa amostra tem início na última terça-feira do mês de outubro e deve, obrigatoriamente, ser seguida da primeira quarta-feira de novembro, da segunda quinta-feira de dezembro e assim por diante.

É necessário pontuar, ainda, que para este artigo foi desenvolvida uma revisão de literatura. Esse tipo de pesquisa é desenvolvido a partir do conhecimento já disponibilizado por outros pesquisadores em livros, artigos e em materiais eletrônicos (GIL, 1999; SANTOS; NASCIMENTO, 2021; FONTELLES et al., 2009). Além disso, ela possibilita o acesso às informações históricas que não podem ser obtidas de outro modo, como as que foram usadas neste artigo para recontar as origens do obituário.

Basicamente, a pesquisa bibliográfica permitirá levantar o conhecimento necessário para compreender o objeto e explicar o problema que sustenta a pesquisa, de modo a expandir o horizonte de conhecimento sobre o tema em questão (KÖCHE, 2011). No caso deste artigo, esse esforço de revisar a literatura científica disponível a respeito do nosso objeto, soma-se ao estudo dos obituários coletados previamente.

O obituário na imprensa

O periódico mais antigo de que se tem notícia, a *Acta Diurna Populi Romani*, datada do ano 60 antes de Cristo e que servia como uma espécie de diário oficial do império romano, já publicava notícias sobre os falecimentos dos cidadãos ilustres. Carlos de Andrade Rizzini (1968) destacou que já naquela época os responsáveis pela publicação perceberam que poderiam atrair leitores oferecendo mais variedade nos relatos. De tal modo que, além das nomeações de servidores públicos, decisões judiciais e notícias do mundo militar, se tornou comum ver esculpidas em madeira, pedra e metal, relatos de nascimentos, casamentos, divórcios, óbitos, dentre outros.

Ainda na Antiguidade, as *Gazettes* passaram a cobrir os principais acontecimentos da vida social, política, jurídica e religiosa do império romano, incluindo relatos de falecimentos. Vitorino Prata Castelo Branco (1945) recorda que o escritor romano Cícero, que estava em longa viagem pela Ásia, foi dado como morto por seus familiares e amigos devido à falta de informações sobre seu paradeiro. Em algum momento após isso, ele teve acesso a uma edição dessas *Gazettes*, e foi surpreendido com o relato publicado em lamentação pelo seu suposto passamento.

Esses exemplos servem para mostrar que a morte sempre foi objeto da curiosidade humana e, desde que se tornou possível registrar esse interesse, temos documentação do que seriam formas primitivas do obituário como conhecemos na atualidade.

Aquele que é considerado o primeiro trabalho acadêmico sobre jornalismo, a tese de doutorado de Tobias Peucer (2004), deixa claro que desde o surgimento da imprensa, os falecimentos estão entre os acontecimentos que merecem registro nas páginas de jornais. Defendida em 1960, na Universidade de Leipzig, na Alemanha, e intitulada como “Os relatos jornalísticos”, a obra traz em seu capítulo 15 uma descrição sobre o que era comum encontrar nos periódicos da época: entre os pontos destacados pelo autor, estão

as “mortes dos príncipes”, “o óbito de varões ilustres, o fim de pessoas ímpias” (PEUCER, 2004, p. 21).

É praticamente uma unanimidade entre os pesquisadores que o obituário como o conhecemos surge na imprensa inglesa, naquele mesmo século XVII. O pesquisador Nigel Starck (2006) aponta que o primeiro obituário contemporâneo foi publicado em 2 de julho de 1622 em um *newsbook*, uma espécie de “livro de notícias”, predecessor dos jornais. Conforme o autor, o texto tinha o seguinte título: “*O verdadeiro relato daquela meritosa batalha naval que dois navios da Companhia das Índias Ocidentais tiveram com quatro portugueses, de grande força e sobrecarga, no Golfo Pérsico, com a lamentável morte do Capitão Andrew Shilling e mais alguns memoráveis acidentes daquela viagem*”. Teria sido esse o pontapé inicial para a popularização do obituário com uma descrição da vida da personalidade retratada, num modelo de breve biografia, seguida de uma avaliação póstuma da atuação e do legado da personagem para a sociedade.

Naquele século, de certa forma, o obituário desempenharia um papel parecido com o que a imprensa de celebridades tem na atualidade, guardadas as devidas proporções, já que para as pessoas comuns era o mais próximo que poderiam chegar das experiências íntimas das elites nacionais. Aos poucos, o formato passaria a abranger também as pessoas que se tornaram conhecidas por suas extravagâncias e excentricidades, por terem protagonizado algum escândalo público ou por serem idolatrados pelo povo. A morte, no relato, era apresentada como a punição ou a recompensa pela vida que a personagem do obituário tinha levado. Os editores bem sabiam que essas vidas excêntricas, aliadas a um toque romanesco, poderiam agradar ao público (VIEIRA, 2017).

Foi no decorrer do século XIX que o obituário se consolidou como formato jornalístico específico. Curiosamente, ele passa a enfrentar uma concorrência desleal nas mesmas páginas de jornal, já que as notícias passaram a dar protagonismo aos falecimentos. Isso levou os obituaristas da época a explorarem a morbidez da ocasião, informando todos os detalhes possíveis, para se destacar e se manter no jogo. Os textos se tornaram gráficos, explicitando a causa da morte, entrando nas minúcias do acontecimento e, quando possível, relatando as últimas palavras do morto.

Vejamos como o obituarista relatou o falecimento de George FitzClarence, o primeiro Conde de Munster, aos 48 anos. O texto foi publicado sem assinatura da seguinte maneira: “O Conde de Munster pôs um ponto final em sua existência dando, com uma

pistola, um tiro na cabeça. [...] A face e a cabeça foram severa e extensivamente feridas e a mão direita também, ferida e coberta de sangue”.

Naquele período ainda circulava na Inglaterra a chamada “literatura de força”, que apresentava em verso e prosa, relatos de julgamentos e condenações à morte de prisioneiros da cadeia Newgate. Essas histórias foram compiladas e publicadas, em formato de livro, com o título “*O Newgate Calendar: abrangendo também as memórias interessantes das mais notórias personagens condenadas por ultrajes às leis da Inglaterra desde o início do século XVIII, com anedotas e as últimas exclamações dos sofrentes*”. As personagens eram colhidas do noticiário, que lhes dedicavam duas ou três linhas, e acabavam sendo transformadas pelos editores em breves biografias, publicadas com uma história por página, e que tiveram grande aceitação popular. É certo que esse tipo de publicação, que circulou com muita popularidade entre os séculos XVIII e XIX, influenciou a produção dos obituários da época.

Na atualidade, os obituaristas atuam de forma diferente, tendo o máximo respeito pelas personagens do seu relato. Um exemplo é o obituário publicado pela Folha de S. Paulo em 27 de janeiro de 2016, quando o autor teve o cuidado de não expor o obituariado da ocasião, Romaric Sulger Büel. Ao invés de dizer que ele tinha cometido suicídio, limitou-se a informar que ele “sofria de depressão, doença à qual sucumbiu”.

O obituário surgiria no Brasil quase ao mesmo tempo que a imprensa. O primeiro jornal a circular no país foi o Correio Braziliense de Hipólito da Costa, em 1808, naquele formato de livro de notícias. O primeiro necrológio seria colocado em circulação na edição de março de 1812, já sendo chamado de “obituário”, num caderno intitulado “Miscellanea”. O primeiro personagem foi o cientista, funcionário público e religioso franciscano José Mariano da Conceição Velloso. O espaço seria reservado, ao longo da trajetória daquele veículo, a “pessoas distintas”, como militares e a nobreza.

O século XX ficaria marcado pelas duas grandes guerras mundiais, registradas na Europa. Por conta da banalização da morte com o grande número de vítimas nos conflitos, o obituário caiu em declínio. As pessoas não queriam saber sobre mais falecimentos, que abundavam nos jornais da época. De modo que o obituário não tinha mais razão de ser e, quando um texto jornalístico não consegue mais atrair o leitor, ele desaparece ou se hibridiza. No caso do obituário, até por conta da crise econômica em decorrência da guerra, ele perde espaço.

É na década de 1980 que ele ressurgiu e ganhou novamente destaque na imprensa. Conjugando vida e morte, retrata uma pessoa pelo que ela viveu e como isso afetou as pessoas ao seu redor. Nesse renascimento, o obituário abriu mais espaço para as figuras anônimas. A morte é o ponto de partida, mas o que interessa ao obituarista e ao leitor é a vida que foi vivida. E, se possível, vivida de uma forma que possa atrair a atenção da audiência, fazê-la se identificar com a personagem.

O obituário para além da informação

Com seu ressurgimento, o obituário conquista uma legião de leitores, que não apenas leem, mas guardam as melhores histórias consigo. O relato de morte, passa a ser a oportunidade para compartilhar uma história de vida. Conforme uma matéria da revista *The Economist*, veiculada em dezembro de 1994, este formato se torna “fonte diária de prazer e fascinação”.

Aos poucos, essas histórias deixam as páginas do jornal e passam a ser publicadas em antologias. No Brasil, é possível citar “O livro das vidas”, de 2008, que traz a tradução de obituários publicados pelo *The New York Times*; além de “Um dia, uma vida”, de 2015, que traz obituários que circularam primeiro na Folha de S. Paulo. Aliás, é importante ressaltar, que o obituário pode ser identificado em veículos de todos os tamanhos em várias regiões do país, mas dentre os três grandes jornais de circulação nacional, ele ressurgiu como seção fixa na Folha, a partir de 2007, no caderno “Cotidiano”.

É claro que esse fenômeno chama a atenção. Os textos jornalísticos são por natureza passageiros. Já era assim na imprensa escrita, quando o jornal do dia anterior poderia ser usado para embalar peixes. E essa característica ficou ainda mais acentuada com o jornalismo digital, quando uma matéria desaparece poucas horas depois de ser publicada, devido a grande quantidade de links que a sucedem. Mas existem algumas exceções: os perfis, as crônicas, as histórias de interesse humano, algumas reportagens e os obituários.

Os obituários são profundamente entretenedores por conta das suas qualidades literárias, muito superiores ao que é observado no restante dos textos veiculados pela imprensa. Aquela mesma matéria da *The Economist*, citada anteriormente, apontava que eles “são anedóticos, discursivos, elegantemente concisos, cultos, comoventes e, de forma muito gentil, são extraordinariamente cômicos e engraçados”.

Pesquisador tido como referência no estudo do jornalismo, José Marques de Melo (1985) propôs uma primeira classificação dos gêneros jornalísticos apontando a existência dos textos **informativos** e **opinativos**. Essa proposta de classificação foi atualizada em trabalho coordenado por Paulo da Rocha Dias (1998) que, em pesquisa realizada com um grupo de alunos orientados por Marques de Melo, apontou outros três gêneros: o **interpretativo**, o **utilitário** e o **diversional**. Foi nessa ocasião que o autor definiu o obituário como sendo um formato do jornalismo utilitário, aquele que abrange textos que estão na imprensa para prestar um serviço ao leitor. A ideia era que eles permitiriam que a notícia da morte chegasse aos amigos, colegas e conhecidos por meio da publicização do fato e desse tempo para uma última homenagem, seja comparecendo aos rituais de despedida, ou contactando um familiar para dar as condolências.

Na dissertação de Lailton Alves da Costa (2008, p. 15), que foi produzida sob a orientação de José Marques de Melo, o obituário aparece entre os formatos que são decorrentes das transformações sociais e gráfico-editoriais da imprensa contemporânea, mas que “ainda não estão validados pelas pesquisas acadêmicas”. Nesse sentido, o autor classificou o obituário como integrando a categoria “outros gêneros”.

Posteriormente, em livro organizado por Marques de Melo e Francisco de Assis (2010), a classificação é novamente trabalhada, mas o obituário não aparece. Cinco anos depois, Roseméri Laurindo (2015), cuja pesquisa de pós-doutorado, realizada com a orientação de Marques de Melo, resultou no livro “O jornalismo diversional de Fátima Bernardes”, situa o obituário novamente entre os formatos utilitários.

Em trabalhos publicados em 2016 e 2020, Melo e Assis voltam a rever a proposta de classificação e ampliam o conhecimento sobre os formatos e os gêneros praticados na imprensa nacional, mas, novamente, não citam o obituário como formato autônomo. A menção mais próxima é a “necrologia” ou lista de mortos, indicada como uma das possibilidades do formato “indicador”, também do gênero utilitário. De acordo com os autores, o indicador pode ser definido como aquele que fornece ao leitor os “dados fundamentais para a tomada de decisões cotidianas”, como “cenários econômicos, meteorologia, necrologia, etc.” (MELO; ASSIS, 2020, p. 218).

Defendemos que o obituário contemporâneo proporciona ao leitor entretenimento e prazer estético. O que tornaria necessária uma atualização na classificação proposta por José Marques de Melo, incluindo este formato entre as possibilidades do jornalismo diversional, conforme indicado no quadro abaixo.

Tabela 1 - Classificação dos gêneros e formatos jornalísticos

GÊNEROS	FORMATOS
Informativo	Nota; Notícia; Reportagem; Entrevista.
Interpretativo	Análise; Perfil; Enquete; Cronologia.
Opinativo	Editorial; Comentário; Artigo; Resenha; Coluna; Caricatura; Carta do leitor; Crônica.
Diversional	História de interesse humano; História colorida; Obituário .
Utilitário	Chamadas; Indicadores; Cotações; Roteiro.

Fonte: Elaborada pelos autores

Antes de mais nada é preciso explicitar que os gêneros jornalísticos não são formas fixas, limitadas ou imutáveis. Não é essa a ideia por trás da tentativa de classificação destes tipos textuais. Ao contrário, justamente pelo dinamismo da linguagem e da prática profissional, essas espécies de textos são passíveis de atualizações e hibridizações. Ocorre que cada uma delas tem uma característica que se destaca, prevalece. Por exemplo, se um editor solicita ao repórter que escreva um obituário, ele não vai aceitar que seja entregue uma reportagem ou um editorial.

Se antes o obituário se apresentava com a finalidade de prestar um serviço ao leitor, hoje ele claramente se propõe a oferecer entretenimento. É preciso levar em consideração que o jornalismo informa, abre espaço para opiniões diversas, auxilia a interpretar os acontecimentos que se destacam, presta um serviço de utilidade pública aos seus leitores. E também diverte. Essas características todas surgiram, uma a uma, ao longo do tempo, desde o aparecimento do jornalismo e são resultado das transformações ocorridas nas sociedades que vem alterando a identidade do jornalismo e dos jornalistas desde então.

É importante destacar que quando se fala em divertir ou entreter, no jornalismo, esses termos não devem ser compreendidos do mesmo modo como quando são atribuídos a outros produtos midiáticos. Além do compromisso fundamental com a vinculação do relato à realidade, o jornalismo diversional propicia a combinação do interesse gerado por essas matérias orientadas ao entretenimento com os métodos de apuração e redação que permitam capturar os detalhes que levem ao produto jornalístico os tons que consigam atrair o leitor (ASSIS, 2014).

O termo “diversional” se refere, não ao conteúdo que está voltado para a diversão, mas aos formatos que oferecem entretenimento por meio da mimetização dos gêneros ficcionais. Os temas em si não vão causar diversão no leitor, pois podem ser os mais áridos imagináveis. O elemento diversional virá do relato com requintes literários mais do que do fato a ser narrado, que muitas vezes consiste em histórias sobre dramas humanos, assassinatos, casos de tortura e assim por diante.

O jornalismo diversional é considerado um gênero complementar, junto ao jornalismo interpretativo e o utilitário, uma vez que na imprensa nacional são hegemônicos os gêneros informativo e opinativo. Ele adquire legitimidade apenas em fins do século XX, no período pós-Guerra Fria, como uma resposta do jornalismo à concorrência do entretenimento que transbordava de todas as outras formas de expressão midiática (MELO, 2010).

Para Willian Vieira (2017), primeiro obituarista fixo da Folha de S. Paulo no século XXI e autor de tese de doutorado sobre o formato, o fato de os obituários terem sobrevivido fora dos jornais, demonstra que sua principal característica reside na possibilidade de o seu leitor poder simplesmente desfrutar de uma história bem escrita. Os obituários suprem um anseio dos leitores sobre o lugar da morte em seu meio, assim como suprem o interesse pelas histórias de vida das outras pessoas e por modelos de realização pessoal, proporcionam a transcendência do cotidiano e ajudam a racionalizar o luto.

Esse movimento de sair das páginas dos veículos de comunicação para o formato de livro, em coletâneas, demonstra que quem lê obituários não quer se informar sobre quem morreu no dia anterior, mesmo porque os livros não têm compromisso com a factualidade. O que se vê é uma atração pelo caráter estético desses textos, pelo uso de recursos de escrita que os diferenciam do jornalismo do dia a dia. Para Vieira (2017), o obituário é uma forma de ter acesso rápido a histórias de vida. Como um *fast food* biográfico, do mesmo modo como, em outra época, o folhetim era uma maneira mais rápida e barata para ter acesso, por meio da imprensa, a histórias ficcionais.

Nesse sentido, consideramos o obituário como uma forma de literatura popular, resultado da junção da tradição oral e da cultura escrita, num fenômeno similar ao descrito por Jesús Martín-Barbero (2009, p. 149) em que “as histórias amorosas provenientes de ‘dramas e comédias estimadas’ [da tradição literária culta] misturam-se a cenas de violência e sortilégios [da tradição oral]”.

Realistas e próximas da sua audiência, essas narrativas biográficas típicas dos jornais elevam as suas personagens à estatura dos modelos edificantes. A linguagem é acessível, casual. É herdeira das baladas, que eram cantadas por menestréis mediante pagamento na época em que a oralidade imperava. Também possui familiaridade com outras experiências da imprensa com histórias pessoais, que se ocupavam do que era interessante, não do que era importante, como as *True Story Weekly Magazines* [revistas semanais de histórias verdadeiras] e as *Confession Magazines* [Revistas de Confissão].

Parafraçando Martín-Barbero (2009, p. 145), o obituário contemporâneo “vai buscar seus leitores na rua”. Do ponto de vista jornalístico, é um gênero híbrido, como a crônica, no qual os princípios da literatura e do jornalismo são mesclados de forma tal que complementam a qualidade do texto, dando-lhe uma nova e mais sofisticada estética. Diante de um bom obituário, o leitor não poderá ter dúvida alguma de que está lendo um texto jornalístico. O elemento literário que o enriquece não é o ficcional, mas o estético.

Considerações finais

Nesse trabalho, partimos da noção de que os gêneros jornalísticos têm um ciclo de vida: eles nascem, se desenvolvem, se desgastam com o tempo e somem quando não tem mais com o que contribuir. Esse desaparecimento pode ser definitivo, como o que aconteceu com o jornalismo epistolar, ou pode ser temporário, como com o obituário, que ressurgiu transformado.

Nossa intenção foi demonstrar que este formato não está mais limitado à noção de prestação de serviço. Quem consome obituário não quer saber se precisa ou não fazer um telefonema de condolências. As pessoas não precisam mais recorrer ao jornalismo para isso, já que na atualidade existem formas mais rápidas e mais eficazes para receber esse tipo de notícia.

Quem está habituado a ler obituários, espera encontrar nesses relatos histórias de vida, com uma linguagem diferenciada, especialmente se comparada com aquela que é utilizada pelos demais produtos jornalísticos que dividem as páginas impressas ou virtuais dos meios de comunicação. O leitor de obituário quer ver histórias bem escritas, interessantes, sobre pessoas que levaram uma boa vida e que podem servir de modelo, mesmo que momentâneo, a ser seguido.

A classificação dos gêneros jornalísticos de José Marques de Melo é a mais conhecida do país. A proposta parte da ideia de que os formatos informativos e opinativos têm protagonismo, enquanto que os diversionais, interpretativos e utilitários seriam complementares, à medida que serviriam como ferramenta de aprofundamento do noticiário que já circula nos dois primeiros.

A classificação do obituário, como mostramos ao longo do trabalho, é permeada por uma sombra de dúvida, aparecendo ou não aparecendo nos trabalhos que propunham um estudo dos tipos possíveis na prática da escrita jornalística. A dissertação de Lailton Costa (2008) chega a inserir este formato no grupo daqueles que não teriam legitimidade no campo. É interessante reforçar que dois dos marcos que demonstram a popularização do obituário na imprensa no início do século no Brasil são daquele período: a publicação de “O livro das vidas”, com obituários traduzidos do *The New York Times*, em 2008; assim como a criação da seção fixa de obituários no jornal Folha de S. Paulo, em 2007. Nossa hipótese é que a pesquisa em questão não conseguiu captar a emergência desse formato.

Como demonstram os trabalhos publicados por José Marques de Melo, individualmente ou com alunos, ele buscava atualizar a sua classificação a cada década. Isso fica evidente se levarmos em consideração que a sua primeira contribuição foi publicada em 1985 e, em 1998, ela é ampliada em trabalho assinado por seus alunos. Isso voltaria a ocorrer em 2008, quando a classificação passa por nova revisão. Posteriormente, outros estudos são observados em 2015 e 2016. Em 2020, é publicado o último trabalho de Marques de Melo, que havia morrido dois anos antes. O livro “Gêneros jornalísticos: estudos fundamentais” foi editado postumamente por Francisco de Assis, que trabalhava com Melo na obra até o seu falecimento. Dos trabalhos citados, o obituário só aparece como formato específico nas pesquisas publicadas em 1998 e 2015.

Melo e Assis (2016) apontam que as formas jornalísticas não surgem simplesmente, vindo de lugar nenhum, mas são desdobramentos e resultados do aprimoramento da prática jornalística, em um processo contínuo desde o século XVII. Dessa forma, alguns formatos se validam na prática profissional e outros desaparecem com a mesma velocidade que surgiram, cabendo aos pesquisadores da área levarem isso em consideração para evitar generalizações e classificações que não se sustentam com o passar do tempo.

Resta evidente que o obituário é tão antigo quanto o próprio jornalismo e que, de fato, ele desapareceu por um tempo, mas apenas porque as grandes guerras registradas naquele período banalizaram a morte de tal maneira, que a audiência queria saber sobre outros assuntos, fugir daquela realidade.

Quando ressurge, no fim do século XX, ele está diferente. Não quer mais tratar das elites políticas e econômicas. Até há espaço para elas, mas é menos usual. Quando o cantor Michael Jackson morreu, em 2009, por exemplo, a Folha de S. Paulo já tinha a seção de obituários há dois anos, mas ele não se tornou um dos personagens dos obituaristas do veículo. Ao contrário, ele ganhou um caderno especial lembrando os principais acontecimentos da sua trajetória.

A seção de obituários, como apontamos, se torna o espaço para o consumo de um tipo de texto híbrido de jornalismo e literatura. Que tira do meio do povo histórias que valem a pena serem lidas, compartilhadas e preservadas, seja num recorte de jornal impresso, seja em uma coletânea em forma de livro. O formato se enquadra perfeitamente ao lado da história de interesse humano e da história colorida, como possibilidade do jornalismo diversional, que é aquele que oferece ao leitor uma história esteticamente mais desenvolvida.

Referências

ASSIS, Francisco de. **Jornalismo diversional: função, contornos e práticas na imprensa brasileira**. 2014. 444 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

CARMO, Aparecido Santos do; DIAS, Paulo da Rocha. Jornalismo sobre pessoas: o caso da história de interesse humano. **Líbero**, São Paulo, n. 52, p. 270-282, set. 2022. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1804>. Acesso em: 12 ago. 2024.

CASTELO BRANCO, Vitorino Prata. **Curso de jornalismo**. São Paulo: Editora Castelo Branco, 1945.

COSTA, Lailton Alves da. **Teoria e prática dos gêneros jornalísticos: estudo empírico dos principais diários das cinco macro-regiões brasileiras**. 2008. 202 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

DIAS, Paulo da Rocha. et al. Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal “Folha de S. Paulo” e da revista “Veja”. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Recife: Sociedade Brasileira de Estudos

Interdisciplinares da Comunicação, 1998. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/b43f21945b991b4e99923bee1b2e5d7c.PDF>.
Acesso em: 12 ago. 2024.

FONTELLES, Mauro José et al. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista Paraense de Medicina**, Belém, v. 23, n. 3, p. 1-8, set. 2009. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3049277/mod_resource/content/1/DIRETRIZES%20PARA%20A%20ELABORA%C3%87%C3%83O%20DE%20UM%20PROJ%20PESQUISA.pdf. Acesso em: 08 set. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. 185 p.

LAURINDO, Roseméri. **O jornalismo diversional de Fátima Bernardes**. São Paulo: Primavera Editorial, 2015. 128 p.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura, hegemonia**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2009.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985. 168 p.

MELO, José Marques de. Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Caxias do Sul: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2215-1.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2024.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2010. 331 p.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros jornalísticos: estudos fundamentais**. Rio de Janeiro/São Paulo: Puc Rio/Edições Loyola, 2020. 332 p.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 39, n. 1, p. 39–56, jan. 2016. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/interc/a/YYYs6KPXhp8d7pRvJvnRjDR/?lang=pt>. Acesso em: 25 ago. 2024.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 13-29, 01 jan. 2004. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070>. Acesso em: 25 ago. 2024.

RIFFE, Daniel; AUST, Charles F.; LACY, Stephen R. The Effectiveness of Random, Consecutive Day and Constructed Week Sampling in Newspaper Content Analysis. **Journalism Quarterly**, [S.L.], v. 70, n. 1, p. 133-139, mar. 1993. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/107769909307000115>. Acesso em: 06 set. 2024.

RIZZINI, Carlos de Andrade. **O jornalismo antes da tipografia**: as atas romanas, jograis e trovadores, os cronistas, novidadeiros de rua e de café, o papel, o correio, a carta, a gazeta manuscrita, a sátira e o pasquim, a letra de forma. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.

SANTOS, Marta Azevedo dos; NASCIMENTO, Guilherme Nobre L. do. **Metodologia científica**: a pesquisa como compreensão da realidade. Palmas: Programa de Mestrado em Ciências da Saúde, 2021. 93 p. Disponível em: <https://docs.uft.edu.br/share/proxy/alfresco-noauth/api/internal/shared/node/Wv6gU1E2QfWcnh2jMFduvw/content/Metodologia%20Cientifica>. Acesso em: 08 set. 2024.

STARCK, Nigel. **Life after death**: the art of the obituary. Melbourne: Melbourne University Press, 2006.

THE ECONOMIST. **The Art of the obituary**. Dec 24th, 1994. Disponível em: <https://www.economist.com/obituary/1994/12/24/the-art-of-the-obituary>. Acesso em: 21 mai. 2018.

VIEIRA, Willian. Obituário ontem e hoje: do biográfico fast food a uma "literatura de jornal". **Ilha do Desterro**, v. 70, n. 1, p. 143–159, jan. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2017v70n1p143>. Acesso em: 25 ago. 2024.